



**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P964	<p>Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 1 [recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-551-8 DOI 10.22533/at.ed.518192008</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre José. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ALTERNATIVO NA ESCOLARIZAÇÃO DOS ESTUDANTES ENAWENE NAWE, JUÍNA, MATO GROSSO	
Cleyde Nunes Pereira de Carvalho Léia Teixeira Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.5181920081	
CAPÍTULO 2	13
A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA (EBTTs) NO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ CAMPUS PALMAS	
Melania Dalla Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5181920082	
CAPÍTULO 3	26
A DIALÉTICA ENTRE CRIAÇÃO ARQUITETÔNICA E DESENHO PARAMÉTRICO: EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS	
Thiago Henrique Omena Arthur Hunold Lara Ana Judite Galbiatti Limongi França	
DOI 10.22533/at.ed.5181920083	
CAPÍTULO 4	37
A DIVERSIDADE SEXUAL NO LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS	
Gabriela Marinho Sponchiado Juliana Cerutti Ottonelli	
DOI 10.22533/at.ed.5181920084	
CAPÍTULO 5	49
A HISTÓRIA DA CIÊNCIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO DE EVOLUÇÃO COMO TEMÁTICA INVESTIGATIVA	
Malena Marília Martins Gatinho Kézia Ribeiro Gonzaga Frederico Passini Silva Vanessa Oliveira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.5181920085	
CAPÍTULO 6	62
A VISÃO DOS ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO DO NORTE DE MATO GROSSO SOBRE AS AULAS PRÁTICAS DE QUÍMICA	
Lucas Freza Bohrer Karina Janaina Jung Oalas Aparecido Moraes dos Santos Sílvia Cândida de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5181920086	
CAPÍTULO 7	67
ALGUNS ASPECTOS NA BELÉM DE BELLE ÉPOQUE. LÁTEX E BELLE ÉPOQUE: UM CASAMENTO PERFEITO	
Antonia Eriane Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5181920087	

CAPÍTULO 8	71
ALICE MILLER E A PEDAGOGIA NEGRA	
Roseli Zanon Brasil	
Romualdo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.5181920088	
CAPÍTULO 9	78
ALTERIDADES MBYA-GUARANI NO FACEBOOK – VIVÊNCIAS DE UMA PESQUISA	
Fátima Rosane Silveira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5181920089	
CAPÍTULO 10	90
ANIME COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: UMA ANÁLISE DO ANIME HATARAKU SAIBOU	
Amanda Jéssica Silva Santos	
Érica Oliveira de Lima	
Victor Hugo de Oliveira Henrique	
DOI 10.22533/at.ed.51819200810	
CAPÍTULO 11	98
ARTE, UMA POSSIBILIDADE DE CONTEXTUALIZAÇÃO DE CONCEITOS POR MEIO DA CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO	
Sofia Maia Oliveira	
Vanessa Fernanda Lopes Lucas Soares	
DOI 10.22533/at.ed.51819200811	
CAPÍTULO 12	114
AULA PRÁTICA SOBRE DILUIÇÃO DO PERMANGANATO DE POTÁSSIO COMO UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA DE APRENDIZAGEM	
Lucas Freza Bohrer	
Karina Janaina Jung	
Oalas Aparecido Morais dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.51819200812	
CAPÍTULO 13	122
CANTINHO DA LEITURA: CONSTRUINDO A COMPETÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA	
Diolina Alves dos Santos	
Célia Maria Alves	
Dorcas Faria de Oliveira	
Eleandra Negri Costa	
Maria do Socorro Gomes de Assis	
Raquel Pereira do Nascimento	
Vânia Horner de Almeida	
Voila Roberta Pereira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.51819200813	

CAPÍTULO 14	130
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA	
<p>Maria Helena Ferrari Allan Vinícius Jacobi Érica Jaqueline Pizapio Teixeira Luciano Duarte Souza Juliana Negrello Rossarola Thiago Duarte Mielke</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200814	
CAPÍTULO 15	144
ENSINO DE GEOGRAFIA E AS GEOTECNOLOGIAS	
<p>Luiza Carla da Silva Soares Assis Heibe Santana da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200815	
CAPÍTULO 16	155
ENSINO PRÁTICO E INTEGRADO DE ELETRÔNICA E PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES EMPREGANDO O MICROCONTROLADOR ARDUINO	
<p>Carlos Yujiro Shigue Alexandre de Moraes Ricardi Eduarda Wiltiner Reis Santana Danilo Bellintani Vinicius de Souza Meirelles Sandra Giacomini Schneider</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200816	
CAPÍTULO 17	167
ESCOLA SARÃ: O TEMPO DA ESCOLA E OS TEMPOS DA VIDA	
<p>Jucilene Oliveira de Moura Ozerina Victor de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200817	
CAPÍTULO 18	181
“ESCOLA SEM PARTIDO”: REFLETINDO SOBRE UMA (IM)POSSÍVEL IMPLEMENTAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
<p>Rômulo Menegas</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200818	
CAPÍTULO 19	193
ESCOLAS MILITARES: ENFÂSE AO COLÉGIO POLICIAL MILITAR FELICIANO NUNES PIRES	
<p>Paulo Ramos dos Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200819	
CAPÍTULO 20	202
ESGRAVA ESPERANÇA GARCIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA À APLICABILIDADE DA LEI 10.639/2003	
<p>Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa Rosemar Eurico Coeng</p>	
DOI 10.22533/at.ed.51819200820	

CAPÍTULO 21	216
ESTUDO DA RESISTÊNCIA À TRAÇÃO DE MISTURAS ASFÁLTICAS MORNAS MODIFICADAS COM ÓLEO VEGETAL	
Paulo Roberto Barreto Torres Wesley Rodrigues Menezes Eduardo Antônio Guimarães Tenório Jefferson Honório Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51819200821	
CAPÍTULO 22	225
FORMAÇÃO CONTINUADA EM MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE BOM RETIRO DO SUL/RS	
Malcus Cassiano Kuhn	
DOI 10.22533/at.ed.51819200822	
CAPÍTULO 23	242
GÊNEROS TEXTUAIS COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA JOSÉ MARIANO BENTO	
Marcia Rezende de Sousa Madalena Santana de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.51819200823	
CAPÍTULO 24	251
GERENCIALISMO ESTATAL E A RELAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA NA EDUCAÇÃO EM GOIÁS	
Maria Augusta Peixoto Mundim Luelí Nogueira Duarte e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51819200824	
CAPÍTULO 25	267
HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: AS FONTES HISTÓRICAS E O FAZER PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA	
Francisca Neta Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.51819200825	
CAPÍTULO 26	280
IMPrensa e Educação: O Decreto nº 31 de 29 de Janeiro de 1890 para a Instrução Pública do Estado do Paraná	
André de Souza Santos Gizeli Fermino Coelho Maria Cristina Gomes Machado	
DOI 10.22533/at.ed.51819200826	
CAPÍTULO 27	292
Investigação da Eficácia da Ludicidade como Ferramenta Pedagógica para Ensino de Biologia Celular	
Bruna Menezes de Oliveira Michelly Rodrigues Pereira da Silva Amanda Karla Santiago Araújo Welton Aaron de Almeida Julianne Cybelly Santos Silva Emmanuel Viana Pontual Suzane Bezerra de França	
DOI 10.22533/at.ed.51819200827	

CAPÍTULO 28	301
JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS CAMINHOS DA (DES)CONEXÃO	
Ivanês Zappaz	
DOI 10.22533/at.ed.51819200828	
CAPÍTULO 29	311
JUVENTUDES EM TRÂNSITOS: DIVERSIDADE DE GÊNEROS - EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.51819200829	
CAPÍTULO 30	322
MÉTODO DE REDUÇÃO AO MESMO COEFICIENTE NA RESOLUÇÃO DE SISTEMAS DE EQUAÇÃO DO PRIMEIRO GRAU: UM ESTUDO NA PROPOSTA DE JOSÉ ADELINO SERRASQUEIRO NO TRATADO DE ÁLGEBRA ELEMENTAR (1878)	
Enoque da Silva Reis	
Luiz Carlos Pais	
DOI 10.22533/at.ed.51819200830	
SOBRE OS ORGANIZADORES	333
ÍNDICE REMISSIVO	334

JUVENTUDES EM TRÂNSITOS: DIVERSIDADE DE GÊNEROS - EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Pollyanna Rezende Campos

Universidade Católica do Salvador

Programa de Pós Graduação em Família na
Sociedade Contemporânea Salvador – Bahia

Núcleo de Estudos sobre Direitos Humanos –
NEDH/UCSAL

Núcleo de Pesquisas em Culturas, Sexualidades
e Gêneros – NuCuS/UFBA.

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Universidade Católica do Salvador

Programa de Pós Graduação em Família na
Sociedade Contemporânea

Salvador – Bahia

Núcleo de Estudos sobre Direitos Humanos –
NEDH/UCSAL

RESUMO: No ambiente escolar, comumente nos deparamos com atitudes preconceituosas e muitas vezes naturalizadas entre os jovens, pois são posicionamentos e posturas ainda muito arraigadas em nossa cultura patriarcal, machista e heterossexista. Daí surge a questão que norteia o presente estudo: Instituições escolares, que deveriam ser um ambiente plural e inclusivo, acolhem a diversidade de gênero? O estudo visa propiciar maior familiaridade com conceitos, atitudes e reflexões que possibilitem o processo constitutivo de identidades de jovens do ensino médio de uma escola da rede pública de Salvador. Isso conecta-se

à ideia de expor um relato de experiência socioeducativa, vivenciada como investigadora-docente e assinala que o intuito é abrir diálogos e proporcionar integração na cultura da paz (Borges, 2013 e 2015) e de vivências mais respeitadas, tolerantes e promotoras de Direitos Humanos, assim como distanciar-se de práticas preconceituosas e violentas a fim de compreender e saber conviver com as diversas formas de identidades de gêneros e sexualidades dentro do ambiente escolar. As narrativas dos jovens ouvidos nesse trabalho comprovam o quão carregado de opressão e sofrimento são os corpos que transgridem a norma hegemônica, o quanto o respeito ainda fica do lado de fora dos muros das escolas, enraizado junto com a discriminação, exclusão e desigualdades. É a partir do reconhecimento e da legitimidade de suas diferenças que se tem cada vez mais a percepção do importante papel estratégico da educação para a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes; Gêneros; Sexualidades Diversidade e Educação.

ABSTRACT: In a school setting, commonly faced with prejudiced attitudes and often naturalized among young people because they are positions and postures still very rooted in our patriarchal culture, sexist and heterossexist. Hence the question that guides the present study: Should school institutions, which should

be a plural and inclusive environment, embrace gender diversity? The study aims to foster greater familiarity with concepts, attitudes and reflections that make possible the process of identity of high school youth in a school in the public network of Salvador. This connects to the idea of exposing an account of socio-educational experience, experienced as a researcher, teacher and points out that the aim is to open dialogue and provide integration into the culture of peace (Borges, 2013 and 2015) and more respectful, tolerant and promoting experiences Human rights as well as to distance themselves from prejudice and violent practices in order to understand and learn to live with various forms of identity genres and sexualities within the school environment. The narratives of young ears in this work show how full of oppression and suffering are the bodies that violate the hegemonic norm, how much respect is still outside the school walls, rooted with discrimination, exclusion and inequality. It is from the recognition and legitimacy of their differences that we are increasingly aware of the important strategic role of education for diversity.

KEYWORDS: Youths; Genres; Diversities and Education.

1 | INTRODUÇÃO

*“A realidade não pode ser modificada,
senão quando o homem descobre que é modificável
e que ele o pode fazer.”*

(PAULO FREIRE, 2017, p. 48).

A juventude é uma fase de múltiplas novidades e inúmeros questionamentos, estágio da vida no qual vão ser incorporados muitos dos aprendizados da infância, a partir de experiências que são modeladas em meio a (con)vivências e influências sociais, na busca de seu próprio lugar no mundo. Etapa na qual os indivíduos sentem uma dada necessidade de se perceberem semelhante aos outros, mas, ao mesmo tempo, afirmarem suas diferenças.

Caracterizar essa etapa do desenvolvimento é um tanto complexo, visto que é um processo dinâmico de construção social, mas também das próprias criações e significações ainda em curso, o que configura certa fluidez dessa categoria.

E para compreender tal liquidez, se faz necessário levar em consideração e admitir as diferentes orientações e diversidades nas representações, nos ritmos, e em tempos e espaços que gestam práticas para consolidar as identidades juvenis, sobretudo no que diz respeito à sexualidade.

Para Foucault (2014, p. 229), a nossa sociedade é percebida como um espaço privilegiado, possibilitando que nossa verdade profunda seja lida e dita, ou seja, para a sociedade só se saberá a verdade real de cada um ao se conhecer a sua sexualidade. Esta, por sua vez, “não é fundamentalmente aquilo de que o poder tem medo, mas é, sem dúvida, através dela que se exerce”.

E segundo Castro, Abramoway e Silva (2004, p.68) “o exercício da sexualidade

se processa por meio de possibilidades, e se realiza dentro de um marco cultural delimitado por preconceitos e rituais”. Preconceitos esses que se atenuam principalmente nos casos em que os modelos hegemônicos de identidades são contrariados através de ‘estilização dos corpos’ para uma afirmação de gênero:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um lócus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pelo qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a formação de um eu permanentemente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. (BUTLER, 2017, p. 200, grifos nossos).

Exercer e conseguir constituir essa ‘temporalidade social’ até que se conquiste a afirmação da própria identidade é um dos maiores enfrentamentos e dificuldades dos jovens, sobretudo, aos que seus corpos e desejos não atendem ou não se encaixam nos padrões da dominação heterossexual. Tal complexidade é proveniente da cultura impregnada de tabus, preconceitos, violações e discriminações, práticas tão corriqueiras que acabam sendo naturalizadas em todos os meios sociais, não deixando de fora, a escola.

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (BUTLER, 2017, p. 38).

Há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas. (BENTO, 2011, p. 553).

É nesse reflexo dicotômico de corpo e sexo que algumas identidades ocupam, culturalmente, uma posição central, servindo de referência para as demais, sendo, portanto, representadas como “normais”, básicas, hegemônicas (LOURO, 2000). E as pessoas que possuem corpos/desejos que extrapolam o limite ou tal amarração entendida como a norma são vistas como diferentes, desviantes ou “incoerentes”:

Ao trazer no título do trabalho a expressão ‘Juventudes em trânsitos’, o sentido conotado às palavras é justamente expressar a mudança, a dinâmica e a flexibilidade de uma etapa do desenvolvimento, essa mobilidade – ato ou efeito de transitar – para além da colonialidade hegemônica e pensar nos processos que implicam a descolonização da prática de categorização das sexualidades, nas quais se concentram costumes, conceitos e atitudes que reverberam sob a forma de ‘colonialidade do ser’.

O termo 'colonialidade do ser' surge a partir de grandes reflexões sobre as relações existentes entre a modernidade, a colonialidade e o mundo moderno/colonial:

A 'ciência' (conhecimento e sabedoria) não pode ser separada da linguagem; as línguas não são apenas fenômenos 'culturais' em que as pessoas encontram a sua 'identidade'; elas também são o lugar onde se inscreve o conhecimento. E, dado que as línguas não são algo que os seres humanos têm, mas algo de que os seres humanos são, a colonialidade do poder e a colonialidade do conhecimento engendraram a colonialidade do ser [colonialidad del ser]. (MIGNOLO, 2003, p. 633).

A dimensão ontológica da colonialidade do poder é o que vai retratar a colonialidade do ser, isto é, a experiência vivida a partir dos conhecimentos e práticas do sistema mundo moderno/colonial em que se inferioriza, oprimindo e desumanizando total ou parcialmente determinadas pessoas, enquanto que outras se apresentam como sendo a própria expressão da humanidade.

A Colonialidade do Ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades. (TORRES, 2008, p. 96).

[...] para sairmos da episteme colonizada, possivelmente teremos que investir em nossos olhares epistêmicos eurocêntricos e nos compreendermos como seres no mundo marcados, em nossa pele e sangue, por uma política do conhecimento racializada, classista e heterossexista, que nos invade com seus tentáculos tirando-nos a possibilidade de nos situarmos em saberes localizados também comprometidos com a dignidade humana. (MESSEDER, 2013, p. 7).

Cumpramos ressaltar que todo esse trânsito está ainda aprisionado e imerso em um sistema eurocêntrico-colonial, patriarcal e heteronormativo, havendo consenso que, para sair dessa episteme colonizada e abrir possibilidades de embarcar na ideia da produção do pensamento decolonial, é imprescindível a construção de um projeto comum.

A juventude, núcleo central deste estudo, que transita nos contextos e territórios de sociabilidade familiar e escolar, dentre as categorias de identidades, alteridades, integralidade/ violações e Direitos Humanos; eixos esses que terão dialética com as epistemes da pedagogia crítica e o sistema decolonial, pois em muitos casos, tanto nas famílias quanto nas escolas, as diversidades e identidades sexuais e de gêneros não são compreendidas de forma inclusiva.

Ao ocuparem os territórios escolares, tais como as salas de aula, o pátio, os banheiros e esquinas, logo passam a ser o centro das atenções, motivos de olhares e falatórios, espaços oportunos para o exercício da comichade e do lúdico na vivência entre jovens e adolescentes, e principalmente, um espaço comumente usado para torturas psicológicas e exposições preconceituosas, o que propicia a criação de um território de ridicularizações. Contudo, a maioria dessas expressões tende a se naturalizar e comumente não são interpretadas como violências, principalmente por quem as usa direcionadas a outrem, já para as pessoas receptorss, dificilmente

serão absorvidas com tamanha naturalidade.

As violências se multiplicam e ocupam “tentacularmente” – parafraseando Kehl (2013) – as dimensões e tipologias das mais variadas (psicológicas, física, sociais, sexuais, emocionais e espirituais), na tentativa de atender e fixar culturalmente o que Butler, (2017, p. 8) denominará de “heteronormalidade compulsória”.

A escola reflete as práticas sociais, que são altamente carregadas de convencionalismos discriminatórios, e deste modo, se configura como espaço de manutenção de atitudes intolerantes, vindas conjuntamente com violações e conflitos interpessoais que potencializam o surgimento de violências entre jovens. A aflição fica ainda maior ao dar-se conta da maneira como que esse fenômeno vem sendo tratado pelos principais atores envolvidos: cada vez com mais aceitação, naturalidade e consentimentos, atingindo esferas de relacionamentos, convivências, identidades e alteridades. Como exemplificado na narrativa de uma participante da pesquisa:

Intolerância e preconceito? Claro que existe! E está em todo lugar! Só que a gente acaba se acostumando, por que você ouve a mesma coisa todos os dias, sempre ficam me chamando de viado... o tempo vai passando e você se acostuma entendeu? Vira um cotidiano normal de sua vida. Pronto! É assim! (Elen, 18 anos – Transgênero feminina – grifos nossos).

Nesse sentido, o presente estudo encontra-se num contexto onde as juventudes em seus processos de formação identitária estabelecem as relações sociais, tanto onde naturalmente se iniciam – o âmbito familiar, quanto onde é sequenciado – o ambiente escolar. Destacando o papel da escola e comunidade escolar na ampliação do conhecimento no que diz respeito às diversidades sexuais e de gêneros para, deste modo, mitigar as violências que são impulsionadas por tais questões no ambiente escolar.

2 | EXPRESSÕES DA DIVERSIDADE: PERCEPÇÕES E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

“Se cada ser é só um.

E cada um com sua crença.

Tudo é raro, nada é comum.

Diversidade é a sentença!”

(LENINI, 2010).

Expressar a sexualidade é revisitar a própria história, a partir de vivências, emoções, desejos, costumes, gestos, afetos, olhares e manifestações corporais. Além de proporcionar bem-estar físico e psicológico, o exercício da sexualidade promove encontros, trocas, comunicações e afetividades no campo relacional, contribuindo para o autodesenvolvimento pessoal.

Se considerarmos que a sexualidade é inerente à vida humana, o ideal seria

que esse tema fosse conversado abertamente, de modo que as pessoas tivessem/adquirissem maior consciência dos seus direitos sexuais e reprodutivos, exercendo-os em sua plenitude, de forma responsável, respeitando as condições e escolhas de outrem. Entretanto, frente às problemáticas regidas por regras de moralidades, preconceitos e grandes tabus que ainda cercam a abordagem do tema, mesmo diante da necessidade de larga discussão, percebe-se que ainda é pouco tratado/discutido, tanto na esfera familiar quanto na educacional.

Em muitos casos, as famílias não conseguem suprir as necessidades de diálogo e informação por não se sentirem à vontade, nem tão pouco preparadas para tratar o tema com suas/seus adolescentes e jovens, emergindo daí a necessidade e importância em ser trabalhada nas escolas, enveredando por coletividades e socialização. De acordo com Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 38), “além da prevenção, a escola pode colaborar com o pensar sobre vários constituintes da sexualidade e evitar violências em seu nome”, pois no contexto escolar circulam as mais diversas curiosidades e anseios ligados ao aspecto, e este “é tema que tem prioridade para @s jovens, que provoca debates, polêmicas, interesse e atenção” (CASTRO, ABRAMOWAY; SILVA, 2004, p. 305).

Como formas de prevenção às violências, preconceitos, discriminações e intolerâncias, é imprescindível conhecer e dialogar com os conceitos que envolvem a temática e apropriar-se dos mesmos na busca de um entendimento geral, o que possibilitará uma vivência harmoniosa, livres das amarras e normatividades heterossexistas.

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 2017, p. 108, grifos nossos).

O trabalho de ação-reflexão se faz necessário para compreender, respeitar, valorizar e conviver democraticamente com as diversidades, partindo do pressuposto de que a formação e construção identitária das pessoas sofrem interferências socioculturais, geracionais e territoriais, o que as torna seres plurais e diversos.

Se o diverso é signo de variedade, é, também, expressão do múltiplo. Reconhecer a diversidade significou admitir a existência múltipla, variada e concreta da população. [...] A visão sobre composição múltipla ou plural da sociedade tenderia a se transformar em uma política, ou melhor, em um multiculturalismo expresso pela obrigatoriedade de proteção. (SILVÉRIO, 2005, p. 95; grifos nossos).

A discussão das temáticas de gêneros e sexualidades não engloba todas as possibilidades em explicar os efeitos sociais da vida humana, a partir de diálogos que versam sobre diferenças, estereótipos, tabus, conceitos, preconceitos e crenças. Quando trabalhado, se atém apenas aos efeitos hormonais, da genética e dos cromossomos sexuais, dos instintos da reprodução ou das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Porém, são diversas as formas de sexualidades possíveis, na medida em que o corpo biológico não corresponderá necessariamente ao corpo

sexual.

Não se podem desmerecer as expressões corporais em vivenciar prazer e afeto, sobretudo na juventude, em seu universo marcado por desejos conflitivos e flutuantes dos comportamentos sexuais, na construção de um processo de aprendizado e reflexão, por meio do qual se consegue elaborar a percepção de quem somos, onde tudo vai depender das relações socioculturais às quais tais jovens estão submetidos, vivenciam e se expressam.

A construção identitária não é algo imutável, pelo contrário, como não pode ser considerada inata, pois não nasce com as pessoas, vai sendo formada através das interações sociais. Sendo assim fluidas, instáveis e podendo ser moldadas de acordo com suas vivências, comportando relações positivas de inclusão e/ou negativas de exclusão. Além de ter sempre duas dimensões: a primeira, como a própria pessoa se vê e se reconhece – identidade, e a segunda como a pessoa é vista na sociedade – alteridade.

Então, faz-se necessário compreender que as identidades vão sendo (re) formuladas e (re)construídas dentro dos discursos, no âmbito dos constructos pessoais e sociais, impossíveis de serem dissociados. Estes, por sua vez, são demarcados e aprisionados pelo machismo, racismo e heterossexismo, que faz com que as pessoas se sintam inferiorizadas, diferenciadas e excluídas, ‘fora’ do que é dito ‘aceito e normal’, conforme as narrativas abaixo relacionadas:

“A culpa é da sociedade mesmo! Ela é a culpada em ‘por’ isso na minha cabeça, eu não me achava assim, tipo... sei lá eu não me acho... não sei, é porque o povo fala tanto e julga tanto que acabei colocando isso na minha cabeça e me acho... sei lá diferente!” (ABEL, Transgênero masculino, 18 anos – destaques nossos).

“Aí é horrível você passar. Eu chegava aqui e passava pelos corredores e todo mundo ficava olhando, ou então tem alguns que fazem até chacota. É horrível? É! Você ser julgada por uma coisa que você goste, é diferente? É! É uma coisa diferente? Sim! Não nego, mas não é aquele, não é um pecado! Que poxa... você acha que eu que escolhi? Se fosse uma escolha, ninguém ia optar por isso, por que só sofre! Poxa... se é com a minha vida? Eu não ‘tô’ interferindo na vida de ninguém! É comigo! É comigo! Se for de pagar pelas consequências, quem vai pagar não sou eu? Se for de ir pro inferno, não sou eu que vou? As pessoas se importam muito e o pior... Falam muito da nossa vida!” (FABIANA, Homossexual feminina, 19 anos – destaques nossos).

A norma que a sociedade culturalmente impõe sobre as pessoas funciona como regulação de seus modos de vida. Corpos ou comportamentos que não se ‘encaixam’ em tais normatividades são vistos/considerados como diferentes ou anormais. E por serem cotidianamente apontados internalizam que realmente são. Entretanto, algumas diferenças são completamente aceitas e normalizadas, mas outras são produções socioculturais. É notório que não é qualquer diferença que assusta ou gera sentimentos de rejeição e que aquelas características que atendem aos padrões hegemônicos como não desejáveis ou negativos tendem a ser vistas como desvios, estranhas, diferentes ou inteligíveis.

“Eu não escolhi ser assim. Eu não escolhi ser diferente, porque essas pessoas fazem isso comigo? Por que muitas pessoas falam assim: ‘aquele viadinho... virou viadinho’ E sabe? A gente não vira! A gente é assim, a gente nasce assim, a gente não escolhe ser aquilo entendeu? Tipo, a gente tem que aceitar a nossa condição, mas também não pode ser visto como doença, é uma condição que a gente aceita da nossa forma de ser, da nossa forma de agir” (RAFAEL, Homossexual masculino, 20 anos – destaques nossos).

“Eu me culpo, por que sei que é errado. Então fico sem querer fazer algo por que sei que é errado, mas ao mesmo tempo não quero me separar dela, pois sei o quanto estar com ela me faz bem”. (ABACAXI, Jovem Confusa, 19 anos – destaques nossos).

“Eu digo assim, meu Deus eu não mudo, eu devo ser a pessoa mais desgraçada do mundo, porque todo mundo muda. E eu não mudo! Um ladrão deixa de roubar, uma prostituta deixa de se prostituir e eu não deixo de ter vontade de ficar com homens [...] meu Deus eu tenho que ver que o que tá acontecendo, se o erro sou eu ou se não tem nada errado e eu tenho que continuar do jeito que eu tô, porque não tá normal isso.” (JOÃO, Jovem Feliz, 22 anos – destaques nossos).

Uma (re)ação comum no processo da construção identitária é a culpabilidade em “ser assim”, ao se considerar ‘errado’, ‘anormal’ ou ‘abjeto’. Bento (2017, p. 49) traz a “Abjeção como uma potente categoria heurística nos estudos voltados para a compreensão do lugar reservado socialmente aos corpos sem inteligibilidade social”. Dificilmente apareceriam sentimentos contrários, já que essa é uma característica da heteronormalidade compulsória – domínio na nossa cultura machista, sexista e trans-lesbo-homofóbica.

O (auto)pronunciamento dos corpos se depreende com coragem da autodeclaração. “A gente é assim” – podendo ser entendida como um instrumento preventivo e protetivo, tal qual, como uma possibilidade inclusiva, para dar visibilidade à existência desses corpos, bem como, adequada para as interações com as diversidades sexuais e de gêneros.

“Eu acho que, quem começa... Acho que não tem coragem de voltar atrás! Veja bem... Como é que você vai passar por tudo que você já passou... Então eu acho que a gente tem muita coragem, professora! Eu tenho muita coragem! Os homens ficam me chamando de viado, viadinho... Mas eu acho que no fundo, no fundo, eu sou mais homem que muito deles! Porque pra você chegar e dá a cara à tapa assim... E sair na rua assim... É complicado! Às vezes a situação fica feia... Só muita coragem mesmo! Eu tenho uma vida muito complicada! Minha vida é complicada! Ser Eu é complicado! Ser Eu é muito complicado! E ai de quem me olhar e dizer que eu sou homem! Não existe isso né? Tá achando que estou fantasiada é? Maluquice!” (ELEN, Transgênero feminina, 18 anos – destaques nossos).

Conseguir se afirmar socialmente e enfrentar um padrão normativo que impera e rege a cultura hegemônica heterossexista da sociedade é ademais altamente complicado, um processo bastante complexo, sendo uma verdadeira (re)construção identitária e uma (re)afirmação sociopolítica importante para o (auto)reconhecimento, devido à presença marcante de estigmas, preconceitos e rotulagens que circundam todos os meios de sociabilidade que essas pessoas possam pertencer e (con)viver.

“A não-valorização da vida como opção é uma afronta ao sujeito ético-moral. O não-reconhecimento (absoluto ou relativo) do indivíduo retira da sua essência o valor mais precioso: a humanidade.” (CAVALCANTI; SILVA, 2017, p. 76).

Importa ressaltar, entretanto, que mesmo diante de todas as dificuldades, amarras e regras socioculturais, nas diversas narrativas ouvidas nessa investigação, sobressaíram os discursos de resistência, que liberam sensação de alívio e de libertação da clausura de (auto)negação, de silenciamentos e invisibilidades, ao assumir e compreender uma identidade subversiva que converge em formas inteligíveis e se manifestam, simplesmente, no ato de ser humano e (con)viver.

“Eu não me lembro de nada de como eu era no passado, eu não me lembro do meu jeito, da forma que eu agia, eu só me lembro do depois, parece que minha vida começou depois que eu me assumi que eu me sinto totalmente diferente, eu me sinto mais feliz, meu jeito de agir, minha forma crítica de ver o mundo modificou” (RAFAEL, Homossexual masculino, 20 anos – destaques nossos).

“Não ligo pra mais nada que as pessoas dizem de mim. Eu quero é ser feliz, isso que importa! Entende?” (EDY, Transgênero feminina, 18 anos – destaques nossos).

“Eu sou uma pessoa feliz! Não ligo pro que os outros falam, por que senão... Eu não vou viver! Eu encaro o mundo alegre, feliz e de cabeça erguida, mesmo vivendo com tantos preconceitos.” (BERNARDO, Homossexual masculino, 18 anos – destaques nossos).

Conseguir viver, sem as preocupações com o que os outros irão pensar/achar/falar não é tarefa simples, como pudemos perceber. Mas ao alcançar esse patamar, jovens conseguem se livrar das amarras e clausuras de viver “dentro do armário” e percebem inclusive, um lado político/crítico nessa postura.

“Eu comecei a perceber o lado político disso tudo sabe? Eu poder realmente dizer que eu era gay e que eu não precisava pedir licença pra ser o que eu sou. Que eu tinha de ser quem eu era. Que eu tinha que mostrar pra sociedade que eu sou gay sim e que eu mereço todo o respeito. Percebi que eu tinha que começar a lutar sobre isso, dá visibilidade e que ninguém melhor do que eu mesmo pra falar do... Das dificuldades que eu vivo sabe? Sempre as pessoas questionam:

- Ah! Mas você se descobriu gay como?

- Eu me descobri gay quando eu comecei a me relacionar com as pessoas, ao mesmo tempo que você se descobriu hétero, que você descobriu que gostava do sexo oposto foi o tempo que eu descobri que eu era gay sabe?

Eu formei minha sexualidade no mesmo período que todas as pessoas formaram a sua sexualidade também! Lembrando que as pessoas experimentam coisas, gostam de coisas diferentes, e tem que ser isso né? Então, não foi algo, olhando bem não foi algo muito, diferente...” (PEDRO, Homossexual masculino, 21 anos – destaques nossos).

Assumir a postura política e, sobretudo, sociocrítica na incessante luta para minimizar o estigma de seres ‘abjetos’ ou ‘vidas precárias’ e não vivíveis (BUTLER, 2015), visibilizando e buscando reconhecimento como pessoas ou vidas vivíveis e

inteligíveis nas suas diversas possibilidades identitárias e de alteridades é uma das mais importantes atitudes e reflexões colhidas nas histórias de vida deste estudo.

REFERÊNCIAS

- BENTO, BERENICE. (2011) **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Estudos Feministas, 19(2), 548-559. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16>. Acesso em 30 junho 2017.
- BENTO, B. **Transviad@s: gênero, sexualidade e Direitos Humanos**. Salvador: EdUFBA, 2017.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426p.
- CAVALCANTI, V. R. S. & SILVA, Antonio Carlos da. **Para e pelos direitos humanos: perspectivas e debates sobre violência, educação e agendas**. In: GOMES, Celma Borges. (Org.). Em busca de uma cultura da não violência nas escolas. Salvador: Edufba, 2015, pp. 1-12.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque São Paulo, Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- KEHL, M. R. **Em defesa da família tentacular**. In: Fronteiras do Pensamento. 2003. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>. Acesso em: 21 Ago. 2018.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-posições, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/agosto. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em 06. Julho.2017
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- MESSEDER, S. A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disto nos estudos de sexualidades e gênero. In: IRINEU, Bruna Andrade (Org.). **Diversidades e políticas da diferença: intervenções, experiências e aprendizagens em sexualidade, gênero e raça**. 1 ed. Tocantins: EDUFT, 2016, p. 06-17.
- MIGNOLO, W. Os esplendores e as misérias da 'ciência': Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2003. p. 667-771.
- SILVÉRIO, V.R.A. (Re)configuração do nacional e a questão da diversidade. In: ABRAMOWICZ, A.;

SILVÉRIO, V.R. (Org.). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas, SP: Papyrus, 2005. p. 87-106.

TORRES N.M. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, 2008. Disponível em: <http://rccs.revues.org/695>. Acesso em: 03 ago. 2018.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 80, 85

Animes 90, 96

Arduino 155, 156, 157, 158, 159, 160, 164, 165

Arte 98, 99, 100, 101, 112, 113, 140, 159, 162, 236

Aulas práticas 62, 66

C

Computação Física 155, 164, 165

Conhecimento 62, 96, 132, 134, 137, 240, 320

D

Diversidade sexual 37

E

Economia de Belém 67

Educação STEAM 155

Elementos geométricos 98

Ensino-aprendizagem 13

Ensino de História 267, 278

Ensino de imunologia 90

Ensino Profissional e Tecnológico 13

Escolarização 1

Escola sem Partido 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 264

Escravidão no Brasil 202

Escrita 122, 123, 202

Escrita epistolar 202

F

Formação de Professor 13

Fotografia 267, 269, 279

G

Gêneros textuais 242, 243, 250

Gerencialismo 251

H

História da Ciência 49, 50, 51, 56, 57, 59, 60

I

Imaginação e criatividade 98

Indígena 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11

L

Leitura 122, 123, 128, 129, 141, 242

Livro didático 37

M

Maus Tratos 71

P

Patrimônio 267, 278, 279

Políticas Públicas 181

Pós-Estruturalismo 37

Produção de texto 242

Programação 155

Psicanálise 71, 75, 76

R

Reflexão 114, 143

T

Trabalho Docente 181

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-551-8

